

*Meninas céticas
compartilham
guarda-chuvas*

Meninas céticas compartilham guarda-chuvas

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2026 GISELE FORTES

ISBN: 978-85-508-2873-2

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F739m

1.ed. Fortes, Gisele;

Meninas céticas compartilham guarda-chuvas / Gisele

Fortes ; - 1.ed. - Rio de Janeiro: Alta Books, 2025.

192 p.; il.; 14 x 21 cm.

Título: Meninas céticas compartilham guarda-chuvas

ISBN 978-85-508-2873-2

1. Ficção: literatura brasileira. 2. Literatura juvenil.

I. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: literatura brasileira 869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Revisão: Denise Himpel

Capa | Diagramação: Andresa Vidal



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



Meninas céticas compartilham guarda-chuvas

GISELE FORTES



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2026





*“Somos livros esperando que alguém
nos abra e nos veja por dentro.”*

*“Talvez um livro não mude o mundo, mas ele ainda
pode deixar algo de bom no coração de alguém.”*

Trechos retirados do dorama *Romance is a bonus book*



Dedico este livro para todos que querem uma história que divirta,
emocione e gere identificação.

Que Manuela e Alice te façam rir, suspirar e acreditar não só no
amor, mas também na beleza das conexões que a vida coloca no
nosso caminho.

Desejo que você se perca — e se encontre — na magia dos
doramas, na força de uma amizade que salva e no doce mistério dos
sentimentos que florescem quando tudo parece fora do lugar.
Porque, no fim, o amor chega. Sempre chega. No compasso exato de
quem está pronto para senti-lo.



Extraordinária você

MANUELA

Feeling - April

Eu quero segurar a sua mão, esse sentimento caloroso

Eu quero te abraçar, esse sentimento especial

Esse novo sentimento que eu nunca senti antes por ninguém.

MEU CORPO TODO DÓI quando abro a porta do apartamento que divido com Alice: um reflexo das muitas horas que passei em frente ao computador no dia de hoje. Tiro os coturnos pretos no hall de entrada e, quando entro na pequena sala da nossa casa, já tenho vontade de voltar para a rua. O controle remoto está jogado no meio da mesa de jantar, rodeado por quatro pratos imundos e meia dúzia de copos usados. Como uma só pessoa consegue fazer tanta lambança? Eu me pergunto isso todo santo dia e nunca consigo chegar a uma resposta. Bufando, começo a empilhar a louça

espalhada, quando tropeço em uma muda de roupa, provavelmente fedida, jogada no chão da cozinha.

Sinto vontade de gritar e começo a pensar num discurso daqueles para quando Alice chegar. Não é possível que essa garota não aprenda a compartilhar os espaços e a tomar conta das coisas básicas do cotidiano. Eu entendo que ela tenha tido uma vida privilegiada, com dinheiro e empregados de sobra, mas, ainda assim, não consigo admitir que, depois de seis meses de convívio, ela não apresente evolução alguma nas tarefas domésticas.

Tiro a minha camisa do Kiss e a calça jeans desfiada preta, separando todos os itens para lavar mais tarde. Depois de um banho demorado, devoro o meu prato de miojo, acompanhado de uma Coca-Cola bem gelada, em uma combinação bombástica de calorias e sódio. Lavo tudo o que usei e, de quebra, acabo arrumando a sujeira de Alice. O meu TOC por limpeza é mais forte do que a minha vontade de ensinar qualquer lição.

Eu me jogo no sofá, fuxicando os streamings em busca de algum programa novo de *True Crime*. Meu celular avisa que chegou mensagem. Eu vejo e é da minha mãe.

Fernanda: Já está em casa, Manu?

Manuela: Sim! Já até comi e tomei banho. E você? Como foi o dia?

Fernanda: Ah... O mesmo de sempre. Essa casa fica muito vazia sem você.

Manuela: Sem chantagem, mãe. Você é que precisa sair mais, encontrar amigas, ir atrás de diversão...

Fernanda: Tô velha pra isso, filha.

Manuela: Para de falar besteira! A senhora é uma gatona cheia de energia. Ainda tem muito pra viver.

Fernanda: O que você vai fazer amanhã?

Manuela: Tô pegada de trabalho na editora. Mas posso ir jantar aí na quinta. O que acha?

Fernanda: Vou fazer aquela lasanha que você adora.

Manuela: Combinado! Se cuida, viu?

Fernanda: Você também, meu amor.

Quando acho uma programação que realmente me atrai, sou interrompida por uma entrada nada triunfal de Alice, que chora como uma menina que foi esquecida por Papai Noel na véspera de Natal. Não que eu acredite no bom velhinho, nem na linda ideia de que todas as criancinhas do planeta ganham uma noite mágica para chamarem de sua. Mas, ainda assim, essa é uma metáfora quase perfeita para descrever a *vibe* caótica com que ela chega em casa.

Descabelada, com rímel preto escorrendo pelo rosto, Alice parece uma versão atualizada de *A noiva cadáver*. A bagunça contrasta com o vestido de renda rosa e o scarpin de salto agulha: uma produção que, tenho certeza, ela passou horas escolhendo.

— Quero morrer, Manu — choraminga, jogando a bolsa na poltrona e caindo, como um saco de batatas, na cadeira ao lado.

— O que o Nicolas fez agora? — questiono, já convicta de que o drama foi provocado pelo seu namorado tóxico.

A minha pergunta é mais uma afirmação, pois sei bem o tipinho do cara com quem ela está se envolvendo. Aliás, mais um homem bosta para entrar no seu enorme currículo de escolhas amorosas ruins. Já cansei de consolar seus choros quando o assunto é relacionamento afetivo, e não aguento quando ela age como uma alienada, sempre depositando esperanças em pessoas que não valem a pena e acreditando em promessas vazias.

Não sei por que minha amiga é tão carente e insegura. Entendo que ela sonhe com um casamento bem-sucedido como o dos pais, que estão juntos há 40 anos e parecem um casal de namorados. Também sei que ela tem uma questão séria em relação à tia-avó, mas nada justifica a busca desenfreada por um parceiro.

Bem, apesar de a Alice deixar a minha vida muito mais bagunçada, eu tenho que reconhecer: ela é inteligente, engraçada e dona de um coração do tamanho da galáxia. Não precisa correr atrás de ninguém nem implorar por pessoas que não lhe dão a atenção que merece. Tudo o que eu quero é ver Alice explorar o mundo ao seu redor, balançando as suas asas coloridas e voando como uma borboleta: leve e liberta. **Tendo uma vida extraordinária, exatamente como a pessoa que ela é.**



Tudo bem não ser normal

ALICE

Breath (Tudo bem não ser normal) — Sam Kim

*Você respira dentro de mim
Com um suspiro de saudade
Fazendo meu coração palpitar.*

MANUELA NÃO DEMORA NEM um segundo para descobrir a origem da minha tristeza, o que não me espanta, já que ela me conhece como ninguém. Mas o tom que ela usa para se referir a Nicolas, que nitidamente esconde um “eu já sabia”, me desperta raiva. Odeio admitir que ela está certa. Quase sempre, pelo menos.

— Às vezes, queria não ter ajudado você naquele maldito trote da faculdade — solto, soluçando de novo.

— Até parece. Você não viveria sem mim. Agora, fala o que aconteceu, por favor? — pressiona, ansiosa por saber a fofoca da vez.

— O Nicolas esqueceu o nosso segundo mesversário. Eu comprei presente, escrevi cartão apaixonado, editei vídeo romântico no Tik Tok e sabe o que ganhei? Absolutamente nada. Nem um tapinha nas costas — reclamo, com a voz anasalada.

— Amiga, você sabe que acho o Nicolas um *boy lixo*. Mas, nesse caso, não tem nada de terrível em esquecer um mesversário de namoro — ridiculariza Manuela.

A raiva sobe pelas minhas veias, me inflamando de dentro para fora. Por que ainda perco meu tempo desabafando sobre essas coisas com ela? Claro que Manuela não iria ver problema algum. Ela nunca vê. Parece ter uma pedra no lugar do coração.

— É só mais um dia como outro qualquer. Um dia que vai se repetir no mês que vem, no seguinte e no próximo. Ou não — solta ela.

Quero avançar no pescoço dela agora, estrangulando Manuela bem no meio da sala que dividimos. É muita cara de pau me falar isso na lata! Mas me seguro e apenas digo:

— Tá dizendo que ele vai terminar comigo?

— Não, Alice. Tô só falando que essa data vai rolar mensalmente enquanto vocês estiverem juntos.

Manuela enfatiza a última parte. Como sempre, ela faz com que eu pareça dramática e exagerada. E não tem nada no mundo que me deixe mais chateada do que ter minhas emoções confundidas com *mimimi*.

Percebendo que cutucou a minha ferida, ela faz uma clara oferta de trégua:

— Que tal um brigadeiro de colher pra afogar as mágoas?

Eu cedo porque, no fim das contas, não quero brigar. E porque um brigadeiro sempre cai bem nessas horas. Mas aproveito para negociar mais uma sessão de dorama.

— Só se for acompanhado de um episódio de *Voltando às Raízes*!

— Sério, Alice? Daqui a pouco, posso ser diretora de série asiática de tanto que você me faz assistir a essa baboseira.

— Por favor, vai? Eu tô triste — apelo, fazendo a cara de cachorro abandonado que sempre a amolece.

— Tá bom. O que você não me pede sorrindo que eu não faço chorando?

Eu abraço Manuela por trás, comemorando a minha pequena vitória. Ela é durona, mas sabe ser legal. Quando quer.



Logo no começo do capítulo da série, aparece um casal trocando presentes sentimentais, o que me faz lembrar que, se fosse na cultura coreana, eu ganharia mimos mensais do meu par.

— Você sabia que, na Coreia do Sul, eles comemoram todos os dias 14 do ano? TO-DOS — revelo.

— Como assim? Em troca de quê? — pergunta Manuela, espantada.

— É fantástico. Em janeiro, tem o Dia do Diário, quando os casais se presenteiam com diários para que o outro possa anotar todas as datas e lembranças importantes que viveram. Nesse dia, eles também trocam velas perfumadas.

Manuela me olha com uma careta feiosa, duvidando do meu conhecimento. Ao mesmo tempo, sinto a curiosidade brilhando no seu olhar. Ela ama esse tipo de fato aleatório.

— Deixa eu adivinhar... Em fevereiro, tem o *Valentine's Day* — provoca, soltando uma gargalhada irônica.

— Tem, mas não é como você pensa. Lá, são as mulheres que se declaram para os homens, presenteando os namorados com chocolates feitos à mão.

— Que horror! E elas não ganham nada? — diz, passando a mão pelos cabelos e bagunçando os fios loiros.

— Ganham em março, quando é a vez dos homens retribuírem o mimo — explico.

Percebo que Manuela não consegue esconder a surpresa nem a vontade de saber sobre os outros meses do ano. Mas ela se segura para não dar o braço a torcer. Eu fico calada, esperando a pergunta ser feita.

— Tá. E o que acontece em abril?

Ela cede. Sabia que cederia! O seu desejo por conhecimento é mais forte do que o seu orgulho.

— Abril é o mês mais sem graça. É Dia dos Solteiros. Eles se vestem de preto e saem com outros amigos solitários, se esbaldando no *jajangmyeon*: um macarrão com caldo de feijão-preto.

— Tá aí. Desse mês eu gostei — diverte-se, destilando seu ceticismo tradicional.

Direciono a minha atenção para o brigadeiro fumegante e encho minha colher com uma porção generosa. É claro que queimo a língua e machuco o céu da boca no processo, mas não consigo esperar aquela maravilha atingir a temperatura ideal antes de devorá-la. Minha amiga assiste à cena, com um olhar de criança que espera o fim da história ser contada.

— Por que tá me olhando assim? Você não acha tudo ridículo? Por que quer conhecer os costumes sul-coreanos?

— O fato de eu não gostar de uma coisa não significa que eu não tenha curiosidade por ela. Fala logo, garota! — exige.

— Bom... Onde paramos?

Eu finjo não lembrar só para irritá-la um pouco mais. É divertido ver a minha amiga cair na pilha pelas coisas mais banais.

— Paramos em maio, Alice! Fala logo, garota! — Manu perde a paciência.

— Ah... É o Dia da Rosa... Os parceiros trocam rosas na cor amarela e, geralmente, vestem roupas combinando.

— Não tem nada mais cafona do que essas “roupas de casal” — fala, fazendo o “entre aspas” com os dedos das mãos. Acho que eu preferia terminar o relacionamento do que sair por aí igual a um par de jarros — finaliza, colocando a língua para fora.

— O amor é cafona, amiga. É brega, fora de moda, maluco. Eu concordo com tudo o que a Luísa Sonza falou na música *Chico*.

Começo a cantar os versos, desafinando que nem uma louca e colocando a mão sobre o coração.

*“Diziam pra mim que essa moda passou,
que monogamia é papo de doido.
Mas pra mim é uma honra ser uma cafona
pra esse povo”*

— A cantoria tá linda, mas acho que é agora que eu te lembro de que Luísa acabou com um gigante par de chifres em rede nacional, vivendo uma monogamia totalmente unilateral. Ou você já apagou essa parte da memória?

— Não, Manuela. Não apaguei. Mas esse tal Chico ser um babaca não invalida as coisas lindas que ela diz.

— Você é um caso perdido — decreta Manuela, jogando a cabeça para trás de maneira teatral.

— Melhor do que ver a vida em preto e branco — provoco, estreitando os olhos.

— Eu não vejo a vida sem cor; só não enxergo o pote de arco-íris flamejante que você faz questão de encontrar em cada coisa que olha — Manuela finaliza a conversa, querendo, como sempre, fazer valer a sua opinião. E, para conseguir isso, muda rapidamente de assunto, querendo acabar com aquele climão que ficou entre nós duas:

— Mas me conta dos outros meses dos coreanos, vai!

— Não. Você não tem sensibilidade pra entender — digo, soltando um longo suspiro e concentrando a minha atenção na tevê.

Com a boca ainda lambuzada de brigadeiro, vejo as mesmas cenas adoráveis se repetirem na nossa tela de cinquenta polegadas: o guarda-chuva aberto, em câmera lenta, no primeiro sinal de garoa; a mocinha transportada nas costas (de cavalinho) depois de um porre; os olhos arregalados do casal quando as bocas simplesmente se encostam; e assim por diante. É lindo e muito romântico.

De repente, Manuela começa a dar gargalhadas descontroladas, a ponto de apoiar a mão na barriga, como se estivesse diante de um vídeo de humor.

— O que tem de engraçado nessa cena? — questiono, já sentindo a fúria me dominar.

— O protagonista, Alice. Embora o ator seja gatinho, o personagem que ele interpreta chega a ser irritante. Não existe alguém bom, ético e perfeito desse jeito. Parece inteligência artificial.

— Agora é problema ser certinho?

— Quando é exagerado, fica muito difícil de acreditar.

— Eu acredito que existem pessoas assim no mundo.

— Pois eu não. Sabe a única coisa que compensa ficar assistindo uma hora de episódio? É ver as belezas naturais da Ilha de Jeju. O

que estraga esse país maravilhoso são esses dramas românticos que ele produz de maneira exponencial, como se fossem os monstros do filme *Gremlins* se multiplicando sem controle.

— Vou fingir que nem ouvi — decreto, tampando os ouvidos.

Cortamos a conversa e voltamos a nossa atenção para a tela. Um tempinho depois, Manuela pega no sono no meio de um ponto crucial da história, o que me deixa possessa. Sacudo com raiva o braço da minha amiga, tatuando, momentaneamente, a palma da minha mão na pele dela.

— Ai, doeu! — protesta Manuela, com os olhos esbugalhados.

— Você dormiu no momento mais emocionante do capítulo.

— Eu tô cansada, amiga. E tava muito parado. Não preciso nem ver pra adivinhar a cena que vem depois.

— Isso é um sacrilégio. Essa série fala sobre dor, cancelamento virtual, recomeços, mágoas, culpa. É profunda, comovente, cheia de camadas. — Tento fazê-la enxergar, mas vejo, estampado no seu rosto, o deboche.

— É só mais um dorama clichê igual a todos os outros, que fazem as mulheres acreditarem que príncipes encantados existem no mundo asiático.

— E existem! — grito.

— Alice, você não pode continuar assim, limitada pelos próprios sonhos. — Manuela suspira, como se escolhesse cuidadosamente as palavras.

— Limitada? — Ergo uma sobrancelha, sentindo o peso da crítica.

— Não é bem isso... Mas você precisa se mexer, sabe? Encontrar algo que faça sentido pra você... **na vida real!**

O que será que ela quer de mim? Que eu trabalhe na editora da minha família, como sempre sugere desde que nos conhecemos na faculdade? Que eu seja uma herdeira sem talento que destrói o negócio de gerações? Não nasci para trabalhar no mercado editorial. Que saco!

— Eu não sei qual é o caminho certo, mas você não pode continuar vivendo nessa inércia pra sempre — fala sério Manuela.

— E o que **você** pretende? Continuar se matando nessa editora em vez de aceitar a ajuda dos meus pais? — dispero.

— Você sabe que não é só isso. Eu só... — Manuela hesita, cruzando os braços. — Quero fazer isso do meu jeito e crescer por conta própria. Além do mais, também não gosto do que a editora deles publica. Você sabe que romance não combina comigo.

— Ah, Manuela, isso é inacreditável. A sua aversão ao amor não pode ser maior do que a sua vontade de subir na vida.

— Mas é.

— Então, é melhor trabalhar igual a uma burra de carga e ganhar uma miséria, só pra não lidar com histórias fofas?

— Eu acho, dá licença? É questão de princípios.

— Já deu, Manuela. Tô tentando me animar, mas tô ficando mais arrasada do que antes. Super obrigada — solto, já me levantando e reunindo as minhas coisas.

— Para com isso, Alice. Você sabe que só quero o melhor pra você.

— De boas intenções o inferno tá cheio. Vou dormir, que é o melhor que eu faço — esbravejo, seguindo para o quentinho do meu quarto e fazendo questão de fechar a porta de maneira exagerada.

Preciso ficar sozinha para colocar os sentimentos em ordem e tentar acalmar o meu coração. Manuela não entende que não posso

— e não vou — acabar como a tia Lorena. Volta e meia acordo com a imagem dela aterrorizando a minha mente.



Mamãe está nervosa. Anda de um lado para o outro, igual barata tonta, colocando a mão na cabeça e falando coisas que eu não entendo. Faço caretas engraçadas, mas ela nem presta atenção. Ela passa o tempo todo no telefone, muito séria, o que me deixa com dor na barriga. Falei que estava com fome há muito tempo, mas ela não fez o meu prato. Ela nunca demora quando peço comida.

Vou brincar com as minhas bonecas, sozinha, mas escuto ela gritando com alguém. É o papai na outra linha. Mamãe está brava porque ele ainda não chegou e ela precisa ir à casa da tia Lorena.

Enquanto arrumo o carro metálico para a minha nova Barbie passear, ela aparece no meu quarto, com pressa.

— Coloca um casaco, Alice. Você vai sair comigo — diz.

— Oba! Vamos ao shopping? — pergunto, animada.

— Não, filha. A gente vai na casa da tia Lorena. Seu pai vai demorar e não tenho com quem te deixar — explica.

— Ah, não, mãe! Detesto ir naquele lugar. Tem cheiro de velho — digo, com vontade de chorar.

— Alice, não tem discussão. É urgente!

Não tem espaço para reclamar, então, fico calada. Faço o que ela me pede e vou, ao seu lado, até o apartamento da minha tia-avó, que mais parece uma casa mal-assombrada.

Chegando lá, mamãe fala com o porteiro e espera pelo chaveiro. Eu não entendo por que não tocam a campainha e pronto. Por que vão

abrir a porta à força? Penso em perguntar, mas o clima está pesado e eu continuo em silêncio.

Fico no corredor, encostada na parede rachada do prédio, enquanto o moço usa as ferramentas para a gente entrar. Ele mal destranca a porta e o pior cheiro que já senti na vida invade todo o andar. Tambo o nariz, mas não adianta nada. Fico com vontade de vomitar. Ainda bem que mamãe esqueceu o meu jantar.

Ela solta um grito horroroso e eu corro para ver o que é. Por mais que ela se jogue na minha frente, tentando me impedir de chegar mais perto, eu consigo avistar tia Lorena jogada no chão, parecendo um zumbi. Sua pele está roxa e seu corpo está tomado pelos oito gatos que moram com ela. Eles parecem aqueles urubus que o papai me mostrou um dia. É nojento e muito assustador.

Tento ficar forte, mas o choro vem com força, arranhando minha garganta. Nunca vi nada assim antes, mas sei que tia Lorena está morta!



Relembrar essa cena me causa arrepios e, por mais terapia que eu tenha feito, ainda tenho pesadelos com a imagem daquela velhinha apodrecendo há dias, totalmente sozinha. Abandonada. Também não consigo esquecer do seu enterro quase vazio, dos bens que não tinham herdeiros diretos e da pouca saudade que ela deixou nesse mundo.

Por mais que eu fosse criança quando tudo aconteceu, trago comigo a convicção de que esse nunca será o meu fim. Nunca.

Talvez isso me torne estranha, exótica, maluca ou sei lá o quê. Mas, e daí? Tá tudo bem não ser normal.